



Mixórdia do agora ou uma (possível) ética da miscelânea

Uma pergunta sempre abre a expectativa de uma resposta. Mas, em *O que é o contemporâneo?* (2009), Giorgio Agamben não nos oferece nenhuma explicação determinante — a despeito do que intimamente desejamos, mesmo sabendo que o pensamento filosófico ilumina de forma difusa a percepção das coisas do mundo sem jogar luz definitivamente em nenhum porquê. Imbuído de um desejo de compreender uma temporalidade que se inaugura com o século XXI, Agamben entende que enxergar o contemporâneo, ou melhor, vislumbrar o contemporâneo, deve partir de uma postura de aceitação e abertura: aceitar a escuridão que biologicamente se impõe quando olhamos de perto demais, e abrir os olhos para o que é possível ver a partir desta distância. Não é uma escolha, mas sim o que se pode apreender na dinâmica entre o arcaico e o atual, a origem e o fim, nos “retornos que não cessam de se repetir”, como diz a orelha do volume.

“No firmamento que olhamos de noite, as estrelas resplandecem circundadas por uma densa treva”, no entanto, “as galáxias mais remotas se distanciam de nós a uma velocidade tão grande que sua luz não consegue nos alcançar” (Agamben, 2009, p. 64). Por boa parte de seu ensaio, o filósofo situa suas colocações por meio de uma metáfora que opõe luz e escuridão, e quando conclui as colocações amparadas por essa metáfora (para depois passar para outra, a da vértebra fraturada) o faz da seguinte forma: “Perceber no escuro do presente essa luz que procura nos alcançar e não pode fazê-lo, isso significa ser contemporâneo” (Agamben, 2009, p. 65). Para que compreendamos melhor, ou parcialmente, o que quer dizer, Agamben dá a moda como exemplo, pois, segundo ele, o que a define

[...] é que ela introduz no tempo uma peculiar descontinuidade, que o divide segundo a sua atualidade ou inatualidade, o seu estar ou o seu não-estar-mais-na-moda [...] Essa cesura, ainda que sutil, é perspicua no sentido em que aqueles que devem percebê-la a percebem impreterivelmente, e, exatamente desse modo, atestam o seu estar na moda; mas, se procuramos objetivá-la e fixá-la no tempo cronológico, ela se revela inapreensível. Antes de tudo, o “agora” da moda, o instante em que esta vem a ser, não é identificável através de nenhum cronômetro. Esse “agora” é talvez o momento em que o estilista concebe o traço, a nuance que definiria a nova maneira da veste? Ou



aquele em que a confia ao desenhista e em seguida à alfaiataria que confecciona o protótipo? Ou, ainda, o momento do desfile, em que a veste é usada pelas únicas pessoas que estão sempre e apenas na moda, as *mannequins*, que, no entanto, exatamente por isso, nela jamais estão verdadeiramente? (Agamben, 2009, p. 66-67)

Não ousamos, neste breve ensaio, pensar a contemporaneidade a partir dos textos que compõem este número da revista *Matraga*. Giorgio Agamben teceu suas considerações sobre o tempo entre os anos 2006 e 2009, desde a conferência que proferiu até o texto revisto e publicado, ou seja, provavelmente consternado pelos “extremos” do novo século, extraordinariamente já visíveis na passagem do vigésimo ao vigésimo primeiro, e tão (ou mais?) impactantes do que Hobsbawm (2006) poderia imaginar. No entanto, olhar as trevas do presente para compreender o que confere suas tantas discontinuidades, o que lhe é inapreensível, pode servir como paralelo, parábola, metáfora do ofício de editar um número de revista que pressupõe a “mixórdia”.

Nesta edição “Miscelânea” da *Matraga*, como é de praxe, não há fio condutor possível que enlace de forma homogênea os trabalhos publicados. Em edições como esta, o número de artigos recebidos é em geral bastante alto, justamente porque a revista se propõe a valorizar “coisas misturadas”, coleções de pesquisas e autorias diversas. Mais trabalho para a editoria convidada, que, operando a partir de uma perspectiva de total amplitude, tem o dever de fazer escolhas não apenas baseadas na qualidade dos escritos, e também não apenas em critérios definidos previamente, o que é inevitável e esperado em edições temáticas, mas a partir do que se recebe enquanto material a ser estudado e, por fim, selecionado.

Neste sentido, o que procuramos fazer foi enxergar estrelas no firmamento, pontos de iluminação sobre o que (mais) importa atualmente, no âmbito do que se oferece como contribuição ao saber a partir das Letras. As duas seções pré-determinadas que organizam nosso campo de atuação em duas grandes áreas, Linguística e Literatura, sugerem, apesar das nítidas fronteiras, uma possível aproximação, uma proposta de amizade entre as áreas. Mantém-se aberta a possibilidade da parceria, da mútua admiração e valorização, do compartilhamento ou, como prefere Agamben, da com-divisão entre os campos de saber que partem, ambos, inevitavelmente, daquilo que se faz com as línguas.

4) Nessa sensação de existir insiste uma outra sensação, especificamente humana, que tem a forma de um com-sentir (SYNAISTHANESTHAIS) a existência do amigo. *A AMIZADE É A INSTÂNCIA DESSE COM-SENTIMENTO DA EXISTÊNCIA DO AMIGO NO SENTIMENTO DA EXISTÊNCIA PRÓPRIA*. Mas isso significa que a amizade tem um estatuto ontológico e, ao mesmo tempo, político. A sensação do ser é, de fato, já sempre dividida e com-dividida, e a amizade nomeia essa divisão. Não há aqui nenhuma intersubjetividade — esta quimera dos modernos —, nenhuma relação entre sujeitos: em vez disso o ser mesmo é dividido, é não idêntico a si, e o eu e o amigo são as duas faces — ou os dois polos — desta com-divisão (Agamben, 2009, p. 88-89, grifos do autor).

No ensaio intitulado “O amigo”, Giorgio Agamben discorre sobre a amizade como conceito que não se atribui, mas se performa. Assim, o amigo, mais que um predicado de denotação objetiva ou um referente no mundo, é uma experiência pura de linguagem. Além disso, pensando a partir de uma passagem de Aristóteles em *Ética a Nicômaco* — a qual comenta de forma enume-

rada, e por isso o número 4 na citação acima —, é amigo um outro de si mesmo, com o qual se convive nas ações e pensamentos que têm em comum. Linguística e Literatura, amigas ou ainda outras de si mesmas, fazem relação nas páginas desta revista.

O que vem a seguir é um vislumbre de cada artigo selecionado para o número 67 da *Matraga*, coleção que materializa o que tentamos fazer para reiterar o que importa no contemporâneo: assuntos concernentes à sociedade e/ou abordagens fundamentais para as áreas de conhecimento que, de alguma maneira, olham para trás, investigam o agora e iluminam o que vem.

Os textos da seção estudos linguísticos discutem: a) educação, tanto com respeito à abordagem de conteúdos escolares quanto no que se refere à formação de professores atualizados; b) a organização dos discursos de opinião, desde sua estrutura até seus não ditos, em pelos menos dois níveis: do mais aparentemente inofensivo, tal é a participação em uma entrevista, ao mais institucional, como artigos de opinião publicados em jornais; c) gêneros textuais diversos, como o meme, tão contemporâneo, ou o documentário fílmico, já consolidado há mais de um século; d) estudos baseados em linhas teóricas de grande força atualmente, como a Análise do Discurso, a Linguística Aplicada, a Linguística Funcional, e suas especificidades teóricas, como a Linguística Cognitiva, a Linguística Textual, a Teoria da Argumentação do Discurso, a Gramática de Construções, a Teoria Semiolinguística do Discurso e a Linguística Forense.

Os textos da seção estudos literários debatem: a) textos da literatura brasileira, sob viés crítico atualizado; b) a recepção crítica de obras estrangeiras no Brasil, propondo novas abordagens do texto literário; c) estudos de tradução literária, o papel do tradutor na mediação da recepção crítica e o valor de mercado da obra literária; d) a construção do feminino no Ocidente e estratégias de representação literária; e) teorias críticas contemporâneas sobre a literatura e a noção de pós-autonomia.

Se os dois parágrafos anteriores procuraram fazer jus a uma das concepções do que se encontra no verbete “miscelânea” do *Dicionário Houaiss* (versão on-line), formando um “conjunto confuso de coisas diferentes”, a seguir apresentamos o que os artigos de cada seção discutem, em busca de organizar a mistura e tornar visíveis contribuições importantes na/da contemporaneidade. Respeitamos a ordem já pré-estabelecida pela revista — antes os trabalhos em Linguística e, em seguida, as pesquisas em Literatura — e optamos pela ordem alfabética (a começar do primeiro nome do primeiro autor de cada texto), de forma a não agregar valor às contribuições a partir de critérios como titulação ou instituição, postura que, a nosso ver, respeita a seleção cega, estimula a amizade entre as áreas e resulta mais democrática.

Em “‘Eu acho que tem mais é que assassinar’: uma análise semiolinguística do discurso de ódio empregado como opinião em entrevistas do documentário *Temporada de Caça*”, Alan de Paula Brusco e Welton Pereira e Silva debruçam-se sobre um tema infelizmente bastante atual, que é o discurso de ódio direcionado à comunidade LGBTQIAPN+. Neste estudo, os autores demonstram que o sintoma contemporâneo é, na verdade, algo que ganhou mais destaque, mas que já estava consolidado há décadas no imaginário sociodiscursivo. Tomando como corpus o documentário *Temporada de Caça*, de 1988, e como ferramenta principal de análise a Teoria Semiolinguística de Patrick Charaudeau, relacionada a alguns postulados da Linguística Forense, os pesquisadores demonstram como o discurso de ódio camufla-se em opinião emitida ou po-



sicionamento enunciativo subjetivo, atenuando uma forma de pensamento estruturalmente ligada ao machismo. O artigo de Brusco e Silva apresenta uma análise de dezesseis entrevistas em que se pode verificar declarações de “um sujeito-agressor que se dirige ao seu destinatário com a intencionalidade de ofender ou incitar uma ideia pejorativa ou violenta sobre determinado grupo marginalizado e minoritário, baseado em imaginários sociodiscursivos pré-existentes”. Partindo do pressuposto legal da livre expressão de ideias, direito defendido na Constituição, os sujeitos entrevistados de ontem e de hoje podem cometer, portanto, crimes de linguagem, já que manifestam em seus depoimentos o discurso estrutural contrário à existência da população homossexual.

No artigo “Gênero e formação docente na perspectiva da complexidade: caminhos para uma educação integradora e (trans)formadora”, Aleph Danillo da Silva Feitosa, João Oliveira da Silva Júnior e Cátia Veneziano Pitombeira abordam uma perspectiva educacional outra, que não é a do conteúdo que se ensina e formas inovadoras de abordá-lo, mas sim a do pensamento que subjaz às práticas docentes na atualidade. Aqui afronta-se o conservadorismo que evita debater diversidade e sexualidade no contexto escolar e nega assumir que gênero é “uma construção cultural e política, sustentada por práticas que normatizam corpos e comportamentos” decorrente do “papel estruturante do patriarcado na organização das subjetividades e na produção de saberes”. Nos últimos quase trinta anos, os documentos oficiais que regem a educação têm apresentado avanços no que diz respeito a discussões sobre gênero e diversidade sexual, mas somente na Resolução CNE/CP nº 4, de 29 de maio de 2024, o “reconhecimento das diferenças, de gênero, sexualidade, raça, entre outras, deixa de figurar como referência genérica e passa a integrar de forma consistente a proposta formativa, ampliando a compreensão do papel do professor na promoção de uma educação verdadeiramente inclusiva e comprometida com a equidade”. Neste cenário, os autores propõem repensar a formação docente a partir da epistemologia da complexidade, de Edgar Morin, para chegar na auto-heteroeco(trans)formação, uma adaptação da auto-heteroecoformação de Maximina Freire, conceituação que, com o acréscimo do trans, “pode ser compreendida como o processo contínuo e dinâmico pelo qual o sujeito se constitui de forma integrada, em relação consigo mesmo (auto), com o outro (hetero) e com o ambiente (eco), e, sobretudo, como agente de (trans)formação”.

Em “O papel das redes referenciais na construção argumentativa de colunas de opinião assinadas”, Francisco Felipe de Oliveira Rocha e Lidiane de Moraes Diógenes Bezerra partem da noção de que a argumentatividade é inerente a textos de opinião e, para compreender melhor como esta estratégia discursiva é construída, exploram as formas como referentes textuais são organizados em rede em textos de Ruy Castro e Hélio Schwartsman para a Folha de São Paulo. Neste trabalho, referentes são “entidades que locutor e interlocutor(es) (re)constroem mentalmente por ocasião do processamento textual” levando em conta uma “superfície textual completa, os dados contextuais e o aparato cognitivo”. O que Rocha e Bezerra entendem por rede referencial é o que explica, por exemplo, como o referente mundo real pode ganhar um sentido ou outro a partir da rede da qual participa em um texto — e exclusivamente em um texto — pois “num jogo de conexões e associações complexas, difusas, dinâmicas e ricas para a construção dos sentidos” verifica-se que “a (re)construção de um referente impacta direta

e decisivamente na (re)construção de outros referentes aos quais esteja vinculado”. Também interessa aos autores aproximar a teorias linguísticas do texto que são distintas, mas complementares, explanando convergências e divergências da Linguística Textual (LT) e da Teoria Argumentativa do Discurso (TAD).

A investigação teórica também interessa a José Mauro Pinheiro. Em seu artigo “Meme, do viral ao mental: uma abordagem cognitiva”, o pesquisador analisa treze definições de meme que pressupõem modelos de comunicação diferentes. No âmbito da Linguística Cognitiva (LC), é bastante profícuo o trabalho com memes, tomados como amostras de enunciados que materializam discursos sociais estruturantes e, portanto, tornam-se corpora de análise de textos linguístico-imagéticos de alta complexidade cognitiva, bem como de alta produtividade político-crítica. Em sendo um gênero recente na história, Pinheiro contribui para o conhecimento e a difusão de conceitos elaborados no âmbito da Comunicação, os quais fortalecem os estudos realizados no âmbito da Linguística, já que, na contemporaneidade, muitos linguistas cognitivos dedicam-se a textos multimodais. Compreender o conceito de meme auxilia estudiosos a tomá-lo como objeto de análise. Mais precisamente, a Semântica de frames, teoria muito profícua no âmbito da LC e principal aparato teórico das análises de Pinheiro, demonstra a rede metafórica que subjaz às três conceituações sobre as quais o pesquisador se debruça. Uma destas análises, por exemplo, demonstra que as escolhas lexicais e metáforas do comunicólogo “apontam para uma tendência flagrante da cultura contemporânea: os memes já não são mais apenas a expressão criativa dos usuários de redes; eles já foram cooptados pela maioria das empresas, que enxergam na rapidez do espalhamento do meme uma forma de ganhar mais dinheiro.”

Em “A Gramática de Construções vai à escola: propostas de atividade para o ensino fundamental”, Karen Sampaio Braga Alonso engendra uma ação importante de diálogo entre a pesquisa contemporânea em Linguística e a escola, espaço que, como se sabe, necessita de atualização ininterrupta. Nesta toada, a pesquisadora contribui para diminuir a escassez de trabalhos que articulam gramática de construções e ensino de língua materna, mais especificamente. A partir de uma forte teoria descritiva, a Gramática de Construções de Goldberg e Croft, “um modelo que se propõe a dar conta da descrição gramatical de línguas específicas [...] da mudança linguística, da aquisição de linguagem” — e, Alonso se pergunta, “por que não?, do ensino de língua materna” — para propor um conjunto de atividades didáticas para turmas do 7º ano do Ensino Fundamental. Esta união entre a pesquisa linguística e o ensino do português ganha materialidade neste seu estudo de caso com quantificadores, tais como as construções binominais “livros pra caramba, um monte de caixas, um tiquinho de água, um bocadinho de pão”, as quais não se encontram em livros didáticos, apesar de sua grande produtividade. São, portanto, expressões que evidenciam a importância de se valorizar na escola não apenas regras estanques, mas também a variação linguística, através de “construções que se alternam na expressão de um dado fenômeno, valorizando os diferentes usos da língua a partir, por exemplo, do continuum oralidade-letramento, do grau de monitoramento e/ ou de formalidade”. A consequência deste tipo de abordagem vai além e chega a um entendimento muito maior do que é lexical ou gramatical, pois faz pensar no texto e tudo o que ele pressupõe: autoria, interlocução, grau de formalidade, adequação lexical, além de apresentar ao alunado uma forma de enxergar a gra-



mática baseada no uso, o que faz muito mais sentido para a faixa etária — senão para todos. O resultado das investigações da pesquisadora, associado à atividade escolar descrita neste artigo, colabora para dar volume à proposta de uma Gramática de Construções Pedagógica Baseada no Uso (GCPBU), um desdobramento da já tão consolidada GCBU.

Fechando a seção de estudos linguísticos, o artigo “A construção modalizadora [V1_{AUX} + PREP + V2_{INF}]: análise sociointeracional dos subesquemas [ter de + infinitivo] e [haver de + infinitivo]” volta ao estudo das construções gramaticais. Nele, Líneker Trajano dos Santos descreve a construção modalizadora “verbo auxiliar + preposição + verbo no infinitivo” a partir da Linguística Funcional Centrada no Uso. Nesta perspectiva, a gramática “é entendida como um inventário estruturado de construções convencionais, cujos significados são moldados pelo uso e pela recorrência em situações comunicativas”, sem que, no entanto, as construções sejam vistas como categorias fixas, mas sim “como formas linguísticas dinâmicas, suscetíveis a variações e reconfigurações de acordo com as demandas discursivas e pragmáticas de cada interação”. Logo, ocorrências como “tive de tomar” ou “há de concordar”, entre outras que se veem no artigo em questão, sofrem variação de sentido determinada pelas propriedades pragmático-discursivas mobilizadas na interação, tais como, por exemplo, o subesquema [haver de + infinitivo], que muitas vezes é empregado “na materialização de atos de fala indiretos, como sugestão, persuasão e afirmação enfática”. O trabalho de Santos representa um enlace entre sistema e uso que simboliza a tendência de boa parte das pesquisas em Linguística contemporaneamente.

Passemos à apresentação dos textos da área de estudos literários. O artigo intitulado “Corpo torturado e o trauma do sobrevivente em *Os bêbados e os sonâmbulos* de Bernardo Carvalho”, de Analice de Sousa Gomes e Renata Rocha Ribeiro, propõe uma análise da construção dos protagonistas do romance de Bernardo Carvalho, interpretando seus relatos de modo a avaliar como a memória traumática do contexto da ditadura militar no Brasil configura testemunho da dor e da violência em tempos de opressão e aniquilação do corpo. Gomes e Ribeiro afirmam que “*Os bêbados e os sonâmbulos* dramatiza o conflito entre lembrar e esquecer, entre testemunhar e silenciar, configurando a literatura como um espaço arquivado, onde as marcas do trauma e da repressão retornam sob forma estética”, entrelaçando questões políticas e estéticas que conectam o trauma individual ao coletivo via ficcionalização e reavaliação do passado histórico brasileiro.

Em “Contribuições dos entremezes de Ariano Suassuna para a consolidação do teatro moderno e formação da identidade cultural brasileira”, Francisco Cláudio Alves Marques e Cassio Bitencourt de Oliveira analisam os entremezes *Torturas de um coração ou Em boca fechada não entra mosquito* e *O homem da vaca e o poder da fortuna*, de Ariana Suassuna, de modo a identificar suas contribuições para o teatro moderno brasileiro e entender a iniciativa do autor na proposição da estética do Movimento Armorial, que objetivava integrar as tradições populares nordestinas ao teatro. Marques e Oliveira enfatizam como o riso em Suassuna é utilizado para criticar a hipocrisia social, argumentando que “O riso suassuniano propõe uma reflexão sobre a identidade cultural brasileira e sobre a criação de um espaço teatral que integre influências modernas às raízes culturais do país”, o que traduz o impulso do teatro moderno em sua concepção não como o rompimento com o passado, mas sim como uma articulação entre novas ideias e tradições consolidadas.

Gabriel Leibold, em “Vasculhando a obra de Ursula K. Le Guin: panorama propositivo de novas leituras”, revisita a recepção crítica brasileira da obra de Ursula K. Le Guin, apontado certa restrição nas abordagens predominantemente materialistas e utópicas, e sugere, com base no projeto fragmentado de tradução de sua obra para o português, “a observação de seus textos como uma rede em movimento”. Sua leitura, de fato, é bastante propositiva ao lançar um olhar global para a obra da autora, sem perder de vista possibilidades de “desdobramentos de instâncias anteriores, escritas e reescritas ao longo de sua carreira nos seus próprios termos — ora complexificando, ora redirecionando por inteiro ideias sobre liberdade, alienígenas, dragões, imaginação ou humanidade...”.

O artigo de Jeanne Dubino, intitulado “Translating *Mrs. Dalloway*: from German to Urdu, 1928-2024”, extensivamente mapeia as traduções do romance *Mrs. Dalloway*, de Virginia Woolf, para diversas línguas no decorrer dos séculos XX e XXI desde sua primeira publicação em 1925, salientando a relevância do papel do tradutor, que media a recepção da obra, ajuda a popularizá-la e contribui para leituras atravessadas por novas perspectivas, entre elas a feminista. Oferecendo um panorama da recepção das traduções de *Mrs. Dalloway* em diversos países, Dubino também avalia o valor de mercado da obra e como diferentes campanhas de marketing ajudam a localizar a publicação de traduções e paratextos, além de delimitar o público consumidor. A abrangência desse longo estudo de Dubino a leva à análise de algumas estratégias que diferentes tradutores utilizaram para a tradução do romance, atentando às diversas teorias do campo de estudos de tradução que embasam suas escolhas.

O artigo de Maurício Chamarelli Gutierrez, intitulado “Pós-autonomia e seus outros: apontamentos sobre uma tópica argentina”, debruça-se sobre aspectos da ideia de pós-autonomia, como propostas por “certo ensaísmo argentino recente” — Florencia Garramuño Reinaldo Laddaga, Josefina Ludmer, entre outros — argumentando que “a autonomia da arte não foi senão um sonho (irrealizado) de parte da arte moderna (a parte talvez menos interessante)”. Gutierrez afirma ainda que “certa inespecificidade e mesmo uma negação da autonomia é inerente à concepção moderna de arte e literatura”, tomando como base teórica o que Jacques Rancière denomina “revolução estética”. Sua conclusão é instigante ao sugerir que a periodização entre “modernidade/autonomia e pós-autonomia/contemporaneidade, na verdade, indica menos uma mudança na literatura ou no modo de sua circulação do que a presença silenciosa, a leitura, circulação e recepção dos autores do ‘pós-estruturalismo’”.

Em “*Do you know what it is to wrestle with a madwoman?*”: loucura e vingança em *Lady Audley's Secret*”, Paula Pope Ramos avalia a loucura e a vingança como formas de resistência à opressão social em *Lady Audley's Secret*, de Mary Elizabeth Braddon. Investigando as condições em que a protagonista do romance se encontra, que, dentre elas, podem ser elencadas “a impossibilidade do divórcio, a sua desvantagem no casamento, a falta de oportunidades e a sua vulnerabilidade”, Ramos entende que a vingança se assoma como única alternativa viável com que retribuir o agravo que Lady Audley não pôde ou quis esquecer. Aponta também como, no romance de Braddon, a mulher vitoriana pode transgredir os interditos em seu caminho, desviando da função primordial que lhe cabe como Anjo do Lar, e resvalar para o que Ramos cunha como “Demônio do Lar”, o que “revela, no imaginário



vitoriano, o perigo absoluto contido no corpo da mulher, a figura angelical que sustenta o pilar da família burguesa”.

Além destes doze artigos, este número traz também uma interessante entrevista, intitulada “Ieda Magri entrevista Elena Losada, tradutora de Clarice Lispector na Espanha”. Essa oportunidade é oferecida por Ieda Magri, que foi recebida por Elena Losada na Universidade de Barcelona em dezembro de 2022 para uma conversa. Losada é uma das principais tradutoras da obra Clarice Lispector ao espanhol e trabalha como Professora Titular de Literatura Portuguesa na Universidade de Barcelona, onde já ministrou cursos sobre diversos autores da literatura brasileira, como Jorge Amado, Rubem Fonseca, Ana Paula Maia e Patrícia Melo.

Por fim, apresentamos uma resenha assinada por Lucas Leite Borba do importante livro de Leonardo Davino de Oliveira, *Do poema à canção: a vocoperformance*, publicado em 2023 pela EDUERJ. Contamos também com a resenha em que Roberto de Freitas Junior e Iulo Almeida Alves apresentam criticamente o livro *Conhecimento em rede: laços e entrelaços da língua em uso*, de Diego Leite de Oliveira e Karen Sampaio Braga Alonso, publicado em 2024 pela Pimenta Cultural.

Ao concluir o trabalho de edição deste número 67 da revista *Matraga*, gostaríamos de registrar nossos agradecimentos aos autores, aos pareceristas e aos demais colaboradores que contribuíram para o presente volume. Após este trabalho que uniu pesquisas de qualidade, pontos luminosos provenientes de diversas regiões do Brasil, e uniu duas docentes como parceiras de edição, fica a marca de uma bonita convivência — entre textos e entre pesquisadoras. Podemos concluir, então, afirmando que apreciamos como ideia e adotamos como postura ética a amizade entre os estudos linguísticos e literários em territórios de liberdade, qual é o da(s) Miscelânea(s).

Patrícia Marouvo e Julia Scamparini

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. O que é o contemporâneo?. In: AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo?** e outros ensaios. Trad. Vinicius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009.
- AGAMBEN, Giorgio. O amigo. In: AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo?** e outros ensaios. Trad. Vinicius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009.
- HOBBSAWM, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991**. Trad. Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- MISCELÂNEA. In: **Dicionário Houaiss Online**. Rio de Janeiro: Objetiva. Disponível em: <https://houaiss.online/houaission/>. Acesso em: 15 dez. 2025.

